

O ensino da leitura no contexto escolar

Fabiane Verardi Burlamaque

No contexto do Centro de Referência de Literatura e Multimeios – Mundo da Leitura – nasceu o projeto “Mundo da Leitura na escola” que iniciou em março de 2004 e constitui-se numa parceria universidade-escola, através da importante integração da Universidade de Passo Fundo com a 7ª Coordenadoria Regional de Ensino. Tal integração permite nossa atuação, desde então, juntamente com professores e alunos das séries iniciais da Escola Estadual de 1º e 2º Graus General Prestes Guimarães, que está localizada no Bairro São José, da cidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, cujo crescimento foi ampliado pela instalação de nossa instituição nesse importante espaço da cidade há mais de trinta anos.

O projeto pretende desenvolver práticas leitoras que envolvam, resgatem e valorizem a leitura nos espaços do Mundo da Leitura e da escola. Assim, as turmas envolvidas no projeto visitam e participam de uma prática leitora no Mundo da Leitura e, a equipe do Mundo da Leitura, num horário determinado pela direção da escola e equipe de supervisores de ensino, visita a escola com o intuito de observar as práticas leitoras empreendidas em sala de aula.

O projeto tem como público-alvo professores e alunos de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental da rede pública de ensino. As ações teórico-práticas norteadoras do projeto buscam desenvolver práticas leitoras multimídiais nos espaços do Mundo da Leitura e da escola, subsidiar teoricamente os professores envolvidos a fim de aprimorar as suas ações docentes a partir da leitura.

As visitas à escola apontam que as práticas de leitura no educandário estão ancoradas a um conjunto de crenças compartilhadas pelas professoras em relação ao ato de ler. Tais crenças constituem-se em meio à mistura de elementos da cultura, da formação, do trabalho, da inserção social e dos valores, construídos no contexto social, que comungam formas de pensar e explicar a realidade cotidiana e trazem a marca da história de vida de cada sujeito e de suas características pessoais, por isso, foi importante resgatar as

histórias de vida e de leitura dessas professoras, procurando analisar suas intenções de leitura e conseqüências desta em sua prática pedagógica.

Ainda hoje, a escola, como instituição encarregada da educação formal, na figura do professor, seleciona histórias que ensinam virtudes supostamente indispensáveis aos indivíduos, a saber: a obediência, a bondade, a humildade, a solidariedade, a coragem, o amor, a persistência. O uso e o abuso dessa literatura edificante seguem critérios meramente escolares, com a intenção de despertar no aluno qualidades que auxiliem no seu rendimento, na sua conduta e na sua capacidade de adequar-se ao modelo escolar. Esse tipo de leitura é muito mais pedagógico do que literário. São textos com teor instrutivo e manipulador, que simulam ser literatura e que devemos banir de nossas bibliotecas principalmente do âmbito escolar.

A partir das histórias de leitura de doze professoras de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental da rede pública de ensino e da observação das práticas leitoras desenvolvidas pelas mesmas em sala de aula, observou-se a utilização da literatura edificante como suporte para a formação dos alunos. Aliadas a essas mudanças, o fortalecimento de uma literatura específica para o jovem leitor e o investimento de grandes editoras neste filão favoreceram a leitura de obras paradidáticas na escola, que, mesmo apresentando o caráter de obrigatoriedade, atingiu um grande número de leitores.

As leituras paradidáticas registradas pelas depoentes demonstram que ainda há o predomínio de “receitas de vida” na concepção do adulto e que veiculam regras em que o “ocultamento do interesse da criança vêm aí acompanhados, revivendo a gênese da literatura infantil comprometida com a pedagogia e a formação moral”¹.

O material de leitura disponibilizado pela escola aos alunos limita-se aos livros didáticos e, alguns paradidáticos; assim, as leituras escolares ficam restritas a eles, cujos textos fornecem dados específicos para um campo de estudo; na maioria, são textos que visam ao conhecimento somente, ou seja, o ensinamento tem um cunho pedagógico e normativo. Assim, a escola, em virtude da obrigatoriedade e da inadequação da seleção das obras, não atrai os jovens para a leitura.

¹ ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. ver., atual. e ampl. – São Paulo: Global, 2003, p. 112.

Já a questão da leitura na sala de aula é mais complexa. Ao analisar a leitura efetuada nesse espaço encontramos duas perspectivas diferenciadas de trabalho com a leitura. Numa dessas, a ênfase do trabalho recai quase que exclusivamente no desenvolvimento das habilidades de fluência, entonação e rapidez no processo de decodificação dos signos lingüísticos e no trabalho com atividades gramaticais. Para tanto, utilizam-se, predominantemente, textos retirados dos livros didáticos. Na outra perspectiva, busca-se diversificar os gêneros e suportes textuais utilizados nas atividades de leitura, mas conservam-se as formas e objetivos de trabalho das práticas de sistematização, além de se implantar um sistema de avaliação das atividades. Nessa perspectiva, a leitura, como uma habilidade neutra, universal, feita por um leitor que se mantém passivo diante do texto, é avaliada durante todo o tempo.

A concepção de que a leitura se restringe a habilidades que precisam de treino e avaliações constantes é repassada para a família e se constitui numa das características marcantes da leitura no espaço escolar, num processo histórico de escolarização da leitura.

É responsabilidade da escola oferecer tempo e motivações para formar em cada aluno um leitor autônomo. A magia da leitura deve ser garantida pela escola por tratar-se de uma experiência cultural que muitas crianças não podem realizar em suas casas. Assim, a educação escolar cumpre um papel transcendental ao desenvolver uma atitude positiva da criança com a leitura.

No entanto, o problema de formar sujeitos leitores, com certeza não compete somente ao professor, mas a toda sociedade. Pais e professores compartilham um mesmo interesse: que seus filhos ou seus alunos desfrutem e se apaixonem pelos livros, porque a leitura torna os indivíduos mais fortes, mais capazes de enfrentar o mundo, mais felizes e mais livres.

A literatura é arte. Um texto literário nos propõe experiências dotadas de sensibilidade, nos seduz, desperta questionamentos, nos emociona e nos modifica. E a literatura infantil não tem que ser uma exceção. O contato da criança desde a educação infantil é e deve ser, antes de tudo, um contato gostoso, prazeroso, amigável. Escutar um conto ou um poema ou ver uma peça de teatro, para dar somente alguns exemplos, são experiências sensoriais

comparáveis a ouvir música, assistir a um espetáculo de dança, olhar uma fotografia ou assistir a um filme.

O incentivo à leitura não é tarefa fácil porque não é algo palpável que se possa medir, não há fórmulas matemáticas nem receitas mágicas que dêem um resultado exato e seguro. Conseguir desenvolver o gosto pela leitura é uma tarefa lenta, feita dia após dia, porque a leitura é um hábito que se transmite como todos os outros: pouco a pouco e por contágio. Além do mais, os fatores que condicionam a leitura são muito variados: às vezes é a presença de livros em casa ou o exemplo de adultos leitores na família ou em seu entorno, outras vezes é graças à uma experiência satisfatória de iniciação à leitura na escola que facilitam a manter e ampliar o hábito de ler.

Partimos do pressuposto de que a leitura se dá ainda no berço. Através dos contos, da convivência com canções, lendas, poesias e parlendas apura a sensibilidade e, conforme Cavalcanti, redimensiona a realidade e estimula a criança no sentido de propor novas possibilidades de olhar para si e para o outro.

O conto é, sem dúvida, o gênero mais difundido na literatura infantil, o que não quer dizer que devemos prescindir dos outros tão importantes nessa etapa. O conto tradicional, às vezes chamado maravilhoso, de fadas ou folclórico, muitas vezes tem origem num passado muito remoto. A característica mais extraordinária deste gênero reside em sua origem folclórica – aludimos a seu caráter anônimo e à transmissão oral – apesar de que algum compilador o tenha imortalizado através da escrita.

Os contos não foram criados pensando nas crianças como receptoras. Pelo contrário, são frutos da criação dos povos cuja transmissão era feita pelos homens e, sobretudo, pelas mulheres na roda familiar e na comunidade. Historicamente, as mulheres foram narradoras de viva voz, transmissoras da moral e das tradições. Ensinamentos, histórias da família, da Bíblia, contos e fábulas desfilaram pelas antigas cozinhas e salas de costura, entoando canções e até mesmo orações. É desse universo que as crianças, ouvintes, começaram a apropriar-se e, que, com o tempo, se converteram nos contos que as avós, as mães e as babás, lhes contavam para entretê-los ou ao colocá-los na cama.

Muitos desses relatos continuam sendo interessantes para nossas crianças de hoje. Por um lado porque representam uma maneira simples e clara de manter a nossa cultura; pouco importa se são originais ou trazidas pelo colonizador europeu, mas pelo fato de serem são contados pela nossa própria voz. Os contos orais oferecem às crianças exemplos de convivência e tolerância que nem sempre se observam a seu redor. Num mundo cheio de intransigência, com uma sociedade cheia de valores práticos e uma escola rígida e competitiva, ouvir histórias ou ler é uma fuga para mundos imaginários, cheios de modelos multiculturais, nem sempre reais, porém eficazes para criar consciência das liberdades individuais e coletivas.

É nesse sentido que ressaltamos a importância da tradição oral, principalmente no ambiente familiar, que além de ser uma forma de desfrutar a intimidade e o convívio familiar, esse hábito se constitui numa prática comum do dia-a-dia, numa forma de lazer e cultura que desenvolve de forma prazerosa, espontânea e afetiva o gosto pela leitura.

Muitas obras do século XIX e do início do século XX retratam essas formas de sociabilidade da época, cenas familiares comuns, em que o contato com os impressos dava-se pela apropriação de textos escritos, lidos ou contados oralmente, nos serões domésticos. Esses modos de partilha são relatados por José de Alencar em seu livro *Como e por que sou romancista*, autobiografia escrita sob a forma de carta, no qual conta sua experiência de escritor, narrando como ela se manifestou desde a infância e a sua concretização na juventude:

“Não havendo visitas de cerimônia, sentavam-se minha boa mãe e sua irmã, D. Florinda, com os seus amigos que apareciam, ao redor de uma mesa de jacarandá, no centro do qual havia um candeeiro. Minha mãe e minha tia se ocupavam com trabalhos de costuras, e as amigas, para não ficar ociosas, as ajudavam. Dados os primeiros momentos à conversação, passava-se à leitura e eu era chamado ao lugar de honra. (...) Lia-se até a hora do chá, e tópicos havia tão interessantes que eu era obrigado à repetição. Compensavam esse excesso as pausas para dar lugar às expansões do auditório, o qual desfazia-se em recriminações contra algum mau personagem, ou acompanhava de seus votos e simpatias o herói perseguido”.

Para Alencar, tais sessões despertaram-lhe as primeiras impressões “para essa forma literária que é dentre todas a de minha predileção”. É no meio familiar que adquirimos os primeiros hábitos, os valores e os gostos, mas, infelizmente, nos dias de hoje, já não se tem muito desse desfrute junto à família. Dessa forma, a contação de histórias, que além de ser um ponto de encontro familiar é uma ótima alternativa para afastar a criança da alienação produzida pelo excesso das horas diante da televisão.

Os relatos da tradição oral possibilitam recriar situações, conflitos e personagens e, através deles, conceitos e simbologias. As histórias transmitidas de geração a geração nos defrontam com inquietações e temas universais, nos conectam com nossa história, constroem nossa consciência social, nossa identidade cultural e lingüística, fornecem elementos sobre o passado e ajudam a compreender e construir o presente. Assim, esta multiplicidade nos conecta, por um lado, com nossas raízes e a nossa história, mas também nos permite a exploração de mundos diferentes e distantes e, a ampliação de nosso universo cultural.

As primeiras histórias que ouvimos quando crianças são essenciais para o desenvolvimento do gosto pela leitura. Assim como as histórias, as trava-línguas, as adivinhações, as lengalengas, as cantigas de ninar e de roda e os contos . Ao entrar em contato com essas diferentes formas de textos, entramos no universo mágico da literatura, pois deparamo-nos com diferentes usos da linguagem, com o valor sonoro das palavras e para as fantásticas portas da fantasia que se abrem com essa linguagem singular.

Dessa forma, o desenvolvimento da competência leitora está ligado ao imaginário infantil. Aguiar et alii salientam que “a leitura coloca a criança em contato com o mundo e com todos os seus desdobramentos, oferecendo-lhe com isso a possibilidade de entendê-lo melhor e de a ele adaptar-se”. Assim, torna-se imprescindível criar no ambiente familiar e escolar um clima favorável à leitura, marcado por interações abertas e democráticas. Ao professor, principalmente, cabe a tarefa de oferecer textos variados e emancipatórios, que permitem diferentes leituras, por indivíduos que têm histórias, competências, interesses, valores e crenças distintos.

Bibliografia:

ALENCAR, José de. *Como e por que sou romancista: autobiografia literária em forma de carta*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

CAVALCANTI, Joana. *Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica*. São Paulo: Paulus, 2002.

AGUIAR, Vera; BARCO, Frieda L. M.; FICHTNER, Marília P.; PEREIRA RÊGO, Zíla L. *Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato, 2001

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003.